

Alegorias do jornalismo na imprensa ilustrada e humorística porto-alegrense e pelotense

FRANCISCO DAS NEVES ALVES









Alegorias do jornalismo na imprensa ilustrada e humorística portoalegrense e pelotense





CONSELHO EDITORIAL/CIENTÍFICO

Alvaro Santos Simões Junior

- Universidade Estadual Paulista - Assis -

António Ventura

- Universidade de Lisboa -

Beatriz Weigert

- Universidade de Évora -

Carlos Alexandre Baumgarten

- Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul -

Ernesto Rodrigues

- CLEPUL - Universidade de Lisboa -

Francisco Gonzalo Fernandez Suarez

- Universidade de Santiago de Compostela -

Francisco Topa

- Universidade do Porto -

Isabel Lousada

- Universidade Nova de Lisboa -

João Relvão Caetano

- Cátedra CIPSH de Estudos Globais (CEG) -

José Eduardo Franco

- CEG e CLEPUL - Universidade de Lisboa -

Maria Aparecida Ribeiro

- Universidade de Coimbra -

Maria Eunice Moreira

- Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul -

Maria Cristina Firmino Santos

- Universidade de Évora -

Vania Pinheiro Chaves

- CEG e CLEPUL – Universidade de Lisboa -

Francisco das Neves Alves

Alegorias do jornalismo na imprensa ilustrada e humorística portoalegrense e pelotense





Lisboa / Rio Grande 2024

DIRETORIA DA CÁTEDRA DE ESTUDOS GLOBAIS DA UNIVERSIDADE ABERTA/CIPSH/UNESCO

DIREÇÃO:

José Eduardo Franco (Coord) Carla Oliveira Cécile Méadel Fabrice d'Almeida João Luís Cardoso José Ignacio Ruiz Rodríguez Valérie Dévillard Pierre-Antoine Fabre

COMISSÃO PEDAGÓGICA:

João Relvão Caetano (Coord.) Darlinda Moreira Jeffrey Scoot Childs Rosa Sequeira Sandra Caeiro

ASSESSORIA EXECUTIVA:

Cristiana Lucas (Coord.) José Bernardino Milene Alves Paula Carreira Susana Alves-Jesus

DIRETORIA DA BIBLIOTECA RIO-GRANDENSE

Presidente: Francisco das Neves Alves
Vice-Presidente: Pedro Alberto Távora Brasil
Diretor de Acervo: Ronaldo Oliveira Gerundo
1º Secretário: Luiz Henrique Torres
2º Secretário: Marcelo França de Oliveira
1º Tesoureiro: Valdir Barroco
2º Tesoureiro: Mauro Nicola Póvoas

Ficha Técnica

- Título: Alegorias do jornalismo na imprensa ilustrada e humorística porto-alegrense e pelotense
- Autor: Francisco das Neves Alves
- Coleção Rio-Grandense, 83
- Composição & Paginação: Marcelo França de Oliveira
- Cátedra de Estudos Globais da Universidade Aberta/ CIPSH/UNESCO
- Biblioteca Rio-Grandense
- Lisboa / Rio Grande, Outubro de 2024

ISBN - 978-65-5306-038-8

CAPA: O FÍGARO. Porto Alegre, 26 jan. 1879.

O autor:

Francisco das Neves Alves é Professor Titular Universidade Federal do Rio Grande, Doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e realizou Pós-Doutorados junto ao ICES/Portugal (2009); à Universidade de Lisboa (2013), à Universidade Nova de Lisboa (2015), à UNISINOS (2016), à Universidade do Porto (2017),**PUCRS** (2018),à Cátedra Infante Dom Henrique/Portugal (2019), à UNESP (2020) e à Sociedade Portuguesa de Estudos do Século XVIII (2021). Entre autoria, coautoria e organização de obras, publicou mais de duzentos livros.

Apresentação

A expressão da arte caricatural por meio da imprensa constituiu um fenômeno editorial que ganhou o gosto do público leitor em termos mundiais. Tal costume chegou também ao Brasil, primeiramente no Rio de Janeiro, para depois espalhar-se pelas principais cidades do país. O tom crítico, humorado e irônico, associando texto e imagem, tornou-se um apelo inconfundível desses periódicos, que ofereciam uma forma alternativa de jornalismo para os padrões da segunda do metade século XIX unidade administrativa mais meridional brasileira. em suas principais localidades, também viria a ser um local propício ao desenvolvimento desse periodismo voltado à difusão das práticas caricaturais.

A caricatura é composta de traços, desenhos e gravuras que representam pessoas, figuras ou fatos de forma grotesca, cômica ou satírica. A palavra deriva-se de caricare, no sentido de fazer carga contra alguém ou sobre alguma coisa. Como uma arte inovadora e influente, a exemplo dos grandes satíricos da literatura universal, a caricatura se mantém no tempo com seu conteúdo contundente e inesgotável de humor. Nesse quadro, o caricaturista é o autor, o criador, aquele que traça ou faz caricatura. Esse artista possui estilo próprio e se realiza, especialmente, não por ser exímio desenhista, mas por saber expressar em traços, sinais, desenhos, a natureza crítica da caricatura, demonstrando a capacidade de elaborar e celebrar, com manchas

sumárias, figuras, para cuja fisionomia contribui de forma grotesca, burlesca ou simplesmente ridícula¹.

Tal arte busca apreender um movimento, por vezes imperceptível, tornando-o visível a todos os olhos, além de aumentá-lo, vindo a obrigar os seus modelos a fazerem caretas como eles próprios as fariam. Desse modo, o desenhista de caricaturas adivinha, por debaixo das harmonias superficiais da forma, as revoltas pondo profundas da matéria, em evidência desproporções e deformidades que poderiam existido na natureza em estado de veleidade, mas que não puderam concretizar-se, recalcadas por uma força maior. A arte caricatural tem qualquer coisa de diabólico, pondo em evidência o demônio que venceu o anjo. Ela constitui uma arte que exagera e por isso é que se dá uma definição muito errada quando se lhe assinala como fim um exagero, uma vez que existem caricaturas mais parecidas do que retratos, caricaturas onde mal se nota o exagero e inversamente também se pode exagerar ao máximo sem obter um verdadeiro efeito de caricatura. Assim, para que o exagero seja cômico tornase necessário que apareça não como um fim, mas como um simples meio de que o desenhador se serve para tornar manifestas aos olhos as contorções que ele vê esboçarem-se na natureza, ou seja, é esta contorção que importa e que interessa².

Ao assumir uma dimensão social, a caricatura se torna uma arte autônoma, voltando-se ao espírito crítico

-

¹ BAHIA, Juarez. *Dicionário de jornalismo*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010. p. 63-64.

² BERGSON, Henri. *O riso: ensaio sobre o significado do cômico*. 2.ed. Lisboa: Guimarães Editores, 1993. p. 31-32.

que tende a julgar a sociedade nos seus mais variados setores³. No sentido de demarcar sua força, a caricatura trouxe consigo o desprendimento de artistas/humoristas para brincar com a mágica da criação, fazer esses bonecos divertidos e interrogá-los sobre o seu caráter e sobre a sua alma⁴. A caricatura se consolidou ao estabelecer-se como uma das formas de expressão da imprensa e, nesse contexto, o caricaturista, ao registrar o momento histórico, o fato político significativo do dia, vem a compor, de certa maneira, um aspecto da personalidade de seu jornal, assim como identifica uma tendência, firma uma posição⁵. A arte caricatural proporciona uma contribuição fundamental ao debate político, desmistificando o poder e incentivando o envolvimento de pessoas comuns nos assuntos de Estado⁶.

A eficiência da caricatura depende da capacidade que tenha seu realizador de apreender e apresentar as características mais marcantes de uma pessoa, de um personagem ou de uma situação. Nesse sentido, a caricatura torna-se um trabalho de imitação da realidade elaborado a partir de uma certa faculdade criadora, de modo que, quanto mais sofisticada for a caricatura, de menos elementos precisará para passar a sua mensagem.

.

³ MINOIS, Georges. *História do riso e do escárnio*. São Paulo: Editora UNESP, 2003. p. 304.

⁴ GOMBRICH, E. H. Arte e ilusão: um estudo da psicologia da representação pictórica. São Paulo: Martins Fontes, 1995. p. 364.

⁵ LUSTOSA, Isabel. Humor e política na Primeira República. In: *Revista USP*, set., out. e nov. 1989, p. 64.

⁶ BURKE, Peter. *Testemunho ocular: o uso de imagens como evidência histórica*. São Paulo: Editora UNESP, 2017. p. 121.

Assim, melhor será aquela caricatura que for capaz de passar através de uma simples expressão fisionômica ou mesmo de um gesto aquilo que compõe a essência do caricaturado. Sua eficácia humorística também depende da familiaridade que o observador tenha com o tema para que se possa estabelecer a cumplicidade necessária entre ele e o caricaturista⁷.

Em meio às tantas estratégias e formas de representação utilizadas pela arte caricatural para expressar seus fundamentos, esteve a alegoria. As construções alegóricas constituem uma figuração que toma com maior frequência a forma humana, mas também pode ser relacionada a um feito heroico, a uma determinada situação, a uma virtude ou a um ser abstrato. Elas exprimem uma operação racional, constituindo uma figuração, em um mesmo nível de consciência, daquilo que já pode ser bem conhecido de uma outra maneira8. Desse modo, a alegoria traz consigo um conceito já bem racionalizado, sendo constituída para designar realidades concretas. Os elementos da categoria podem também retornar a seu simbólico em determinadas circunstâncias. captados como tais pelo inconsciente. Surge então um

-

⁷ LUSTOSA, Isabel. Caricatura. In: AVRITZER, Leonardo; BIGNOTTO, Newton; GUIMARÃES, Juarez & STARLING, Heloisa Maria Murgel (orgs.). Corrupção: ensaios e críticas. 2.ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012. p. 232. Contextualização elaborada a partir de: ALVES, Francisco das Neves. Venturas e desventuras de um caricaturista no sul do Brasil: estudos acerca de Thadio Alves De Amorim. Lisboa; Rio Grande; CLEPUL; Biblioteca Rio-Grandense, 2022. p. 7-9.

⁸ CHEVALIER, Jean & GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos*. 4.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1991. p. xvi.

campo intermediário entre as imagens criadas consciente e inconscientemente⁹. Este livro aborda as representações alegóricas e outras formas de designação em torno das práticas jornalísticas realizadas por semanários ilustrado-humorísticos das cidades de Porto Alegre e Pelotas.

_

⁹ CIRLOT, Juan-Eduardo. *Dicionário de símbolos*. São Paulo: Editora Moraes, 1984. p. 37-38.

SUMÁRIO

Imagens do jornalismo na imprensa ilustradahumorística porto-alegrense / 17

As práticas jornalísticas sob o prisma do periodismo caricato pelotense / 59

Imagens do jornalismo na imprensa ilustrada-humorística porto-alegrense

Como sede administrativa da Província (depois Estado) do Rio Grande do Sul, a cidade de Porto Alegre passou a desempenhar uma primazia no contexto gaúcho não só na vertente política, mas também na perspectiva do desenvolvimento socioeconômico e do avanço demográfico. Tais condições trouxeram consigo um certo aprimoramento cultural cujos sinais se refletiram também nos progressos das atividades jornalísticas. Na segunda metade do século XIX houve um recrudescimento da imprensa porto-alegrense, com a circulação de periódicos dos mais variados gêneros, dentre eles o periodismo ilustrado e humorístico, que contou com vários títulos, como foi o caso de *A Sentinela do Sul*, *O Fígaro* e *O Século*.

A Sentinela do Sul foi o periódico inaugurador da imprensa ilustrada e humorística da cidade de Porto Alegre, onde circulou entre 1867 e 1868. Teve uma qualidade gráfica bastante acentuada e uma postura razoavelmente moderada em meio aos seus congêneres. Nesse sentido, dizia que o seu espírito crítico seria manejado com discernimento, não ultrapassando as raias da justiça e da honestidade, vindo a ferir apenas com base na razão e nos limites da decência. Apontava a caricatura como o "sal ático" de suas edições visando a empreender um tom joco-sério, dizendo muitas

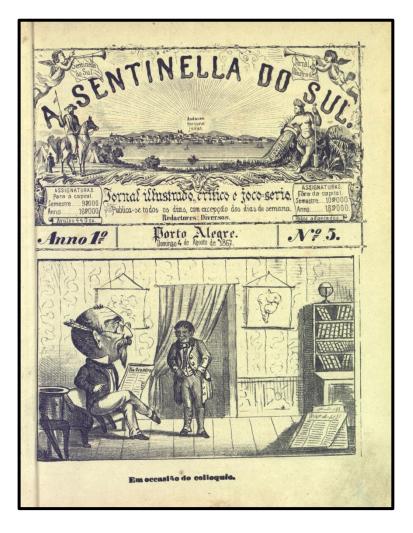
verdades, e se esforçando com desenhos e palavras no sentido de castigar o crime, a hipocrisia, a ignorância e a vilania (A SENTINELA DO SUL, 7 jul. 1867). A mais importante pauta do semanário foi a cobertura da Guerra do Paraguai, a qual foi descrita em detalhes por meio de textos e imagens¹⁰.

A Sentinela teve na alegoria a representação de sua redação, por meio de dois personagens que se tornaram verdadeiros protagonistas nas páginas do semanário, com a constante presença do "Redator", homem maduro, normalmente vestido a rigor, com cartola e guarda-chuvas, e do "Piá", jovem negro que percorria a urbe em busca de notícias. Por si só os dois já traziam em si uma forma de designação das atividades jornalísticas, mas o hebdomadário também trouxe outras representações, a eles associadas, das lides periodismo. Foi o caso de uma cena na redação, na qual o Redator encontrava-se sentado tendo o jornal Rio-Grandense em suas mãos, enquanto o Piá, em pé e de mãos no bolso, demonstrava estar muito à vontade com a conversa. O ambiente contava com um mapa afixado à parede, uma estante de livros, um globo e alguns periódicos atirados ao chão. Tratava-se da "ocasião do

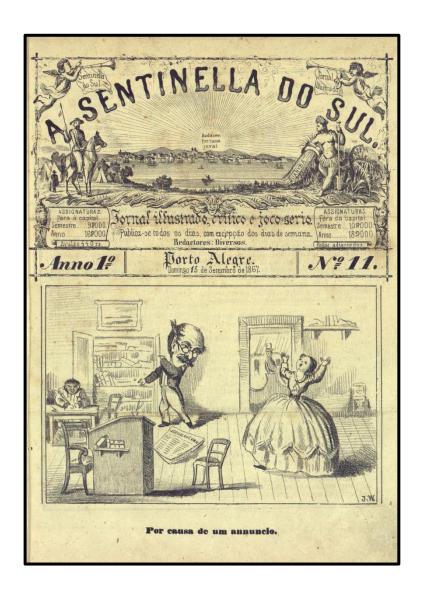
_

Acerca de A Sentinela do Sul, ver: FERREIRA, Athos Damasceno. Imprensa caricata do Rio Grande do Sul no século XIX. Porto Alegre: Globo, 1962. p. 13-27.; ALVES, Francisco das Neves. O primeiro periódico caricato sul-rio-grandense e as imagens do feminino (Sentinela do Sul, 1867-1868). Lisboa; Rio Grande: Cátedra Infante Dom Henrique; Biblioteca Rio-Grandense, 2019a. p. 7-14; e ALVES, Francisco das Neves. A mulher transmutada em símbolo no periodismo caricato portoalegrense do século XIX. Lisboa; Rio Grande: Cátedra Infante Dom Henrique; Biblioteca Rio-Grandense, 2020a. p. 9-11.

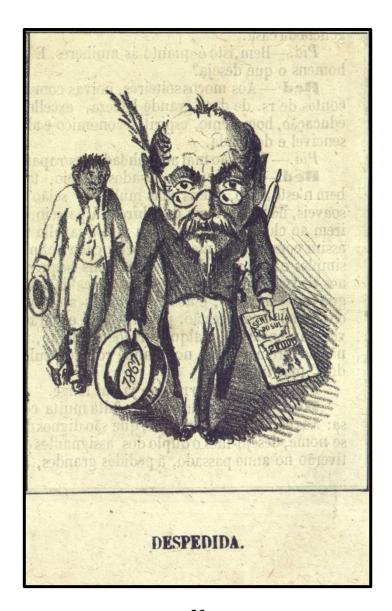
colóquio", ou seja, da conversa entre os dois personagens, que, inclusive, viria a constituir a seção mais recorrente da folha humorística (A SENTINELA DO SUL, 4 ago. 1867).



Em outra ocasião, Piá e Redator enfrentavam uma situação mais inusitada. Em cena mais uma vez ambientada na redação, enquanto o Piá tentava trabalhar, o Redator via-se em dificuldades para acalmar uma moça que adentrara o ambiente imaginando que ali seria o escritório do Jornal do Comércio, cujo exemplar encontrava-se atirado ao chão e onde ocorrera a publicação de anúncio de homem interessado em adquirir matrimônio, daí, segundo a versão da folha, o estado desesperado da mulher (A SENTINELA DO SUL, 15 set. 1867). Em outra incursão, igualmente ambientada na redação, contando com uma série de jornais empilhados à sua frente, o Piá procedia à leitura de um dos periódicos para os ouvidos atentos do Redator, que estaria a escutar "a leitura dos discursos da oposição" (A SENTINELA DO SUL, 20 out. 1867). Ao final de 1867, aparecendo a inscrição deste ano ao fundo da cartola do Redator, ambos os personagens realizavam "despedida", em relação ao público leitor, havendo um exemplar da publicação humorística na mão daquele (A SENTINELA DO SUL, 29 dez. 1867). Novamente na redação, enquanto o Redator elaborava as colunas do semanário, era surpreendido pelo Piá que aparecia carregado de armas, vindo a explicar que não se tratava da guerra e sim de enfrentar os "gatunos" que estariam a assolar a cidade (A SENTINELA DO SUL, 24 maio 1868). Trazendo à baila a crítica política e social, a conversa entre o Redator e o Piá, nas dependências da redação, levava este a dizer que pretendia "ir para o teatro de guerra", uma vez que também buscava enriquecer, assim como vinha acontecendo com os fornecedores, por meios exatamente lícitos nem sempre SENTINELA DO SUL, 21 jun. 1868).











Outro periódico humorístico-ilustrado que circulou em Porto Alegre foi *O Fígaro*, tendo sido editado entre 1878 e 1879. Versos serviram para que tal periódico apresentasse suas propostas para o público leitor, dizendo que vinha respeitoso, alguma coisa tímido, para pedir a proteção do povo hospitaleiro. Em linguagem

figurada anunciava que haveria em suas páginas navalhas, pincéis, escovas e cosméticos, sendo tudo muito bom em casa do barbeiro. Ainda quanto ao seu programa, fazia referência aos vários instrumentos de trabalho do barbeiro que, figurativamente, seriam utilizados a serviço da caricatura, notadamente a navalha que, afiada, em muito serviria para a realização da crítica (O FÍGARO, 6 out. 1878). Além da crítica de teor político, tal folha também se especializou na voltada aos costumes¹¹.

Nesse sentido, as críticas do semanário também se direcionavam para as atividades jornalísticas. Foi o caso de dois leitores do Iornal do Comércio do Rio de Janeiro, que, a partir da leitura, observavam a realização de malfeitos na capital do império, só que ao invés de se oporem, apoiavam os atos corruptos (O FÍGARO, 27 out. 1878). Em outra ocasião, um comendador lia o jornal liberal A Reforma, e lastimava que, mesmo com seu partido no poder em termos de gabinete imperial, ele não havia conseguido um bom resultado eleitoral (O FÍGARO, 10 nov. 1878). Em meio a um grande número de periódicos, o parlamentar liberal Gaspar Martins montava um touro identificado com a cidade do Rio Grande, carregando na garupa uma figura feminina identificada como uma via férrea que teria sido conquistada por aquela comunidade. Segundo periódico a oportunidade teria cabido à urbe portuária,

-

¹¹ Sobre *O Fígaro*, ver: FERREIRA, 1962. p. 13-27.; ALVES, Francisco das Neves. *A mulher e a caricatura no Rio Grande do Sul: três estudos de caso*. Lisboa; Rio Grande: Cátedra Infante Dom Henrique; Biblioteca Rio-Grandense, 2019b. p. 9-12; e ALVES, 2020b. p. 22-23.

em detrimento da vizinha Pelotas, tendo em vista a ação direta do político, de modo que os jornais atirados ao chão traziam em si os debates entre as duas comunas (O FÍGARO, 22 dez. 1878).

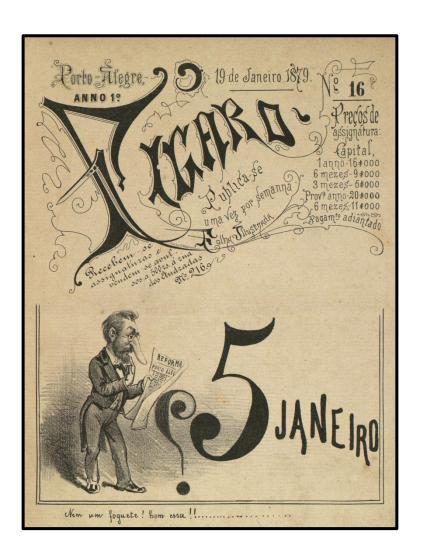






Gaspar Silveira Martins mais uma vez protagonizava a capa de *O Fígaro*, que mostrava o político pensativo ao ler a publicação liberal *A Reforma* acerca das repercussões do ministério formado, também de tendência liberal, admirando-se da pouca repercussão que o acontecimento tivera (O FÍGARO, 19 jan. 1879). A respeito das disputas entre os periódicos *Rio-Grandense* e a *Reforma*, que se digladiavam como espadachins, o primeiro do qual aparecia apenas a mão empunhando a espada, enquanto o segundo era representado por uma dama desnuda. Na concepção do *Fígaro*, ambos os

jornais estariam passando dos limites, batendo-se "em um terreno pouco digno", ou seja, em um lamaçal, que designava o jornalismo que se envolvia com a vida privada (O FÍGARO, 19 jan. 1879). Em sentido próximo, o semanário porto-alegrense utilizou-se de uma alegoria feminina para simbolizar a imprensa, que se encontrava com mãos e braços sujos com a lama da "vida privada". Segundo o periódico, aquela situação, que só trazia prejuízos ao jornalismo, advinha do próprio interesse do público, ao qual agradaria o escândalo e a calúnia, e também pela inação das autoridades públicas, as quais fechavam os olhos aos "termos obscenos publicados nesses pasquins, perseguidos sempre em todos os países civilizados" (O FÍGARO, 26 jan. 1879). O Fígaro teceu profundas críticas a um colega de imprensa, o Mercantil, colocando em dúvida sua idoneidade, ao acusar-lhe de praticar o jornalismo de cola e tesoura, que recortava e colava informes publicados em outros jornais, sem se responsabilizar diretamente pelas notícias e, pior ainda, de vender a própria pena, ou seja, direcionar sua opinião de acordo com as conveniências financeiras, passando "descomposturas" pelos melhores preços (O FÍGARO, 16 mar. 1879).













Um dos representantes da imprensa ilustrada e humorística porto-alegrense que mais teve impacto em meio ao público leitor foi O Século, que circulou como publicação caricata entre 1880 e 1884, passando, posteriormente a ser editado sem o segmento imagético, prosseguindo até o ano de 1893. Na edição inicial em que se apresentou ao público, declarava que, sem títulos que o recomendassem, mas aspirando a nobres e elevados fins, pretendia enfrentar os obstáculos que se antepusessem à sua trilha. Também destacava que teria um programa pelo qual trataria de todos os assuntos com imparcialidade e critério, proporcionando aos seus favorecedores uma leitura variada e útil, circunscrita aos limites da boa moral (O SÉCULO, 11 nov. 1880). Mantendo uma excelente feitura gráfica, em termos político-partidários, tal periódico teve uma feição mais conservadora12.

Em uma de suas primeiras referências alegóricas ao jornalismo, *O Século* incorreu na perspectiva racista bem comum à caricatura da época, ao utilizar-se da figura de uma mulher negra para desconsiderar os pronunciamentos de um jornal, considerando-os desapropriados e desabridos. Foi assim que uma dama designando o "pudor" ficava estarrecida com uma "desbragada pretinha", que designava o periódico *A Reforma*, o qual estaria a ofender "o pudor de uma sociedade inteira" (O SÉCULO, 31 jul. 1881). A imprensa

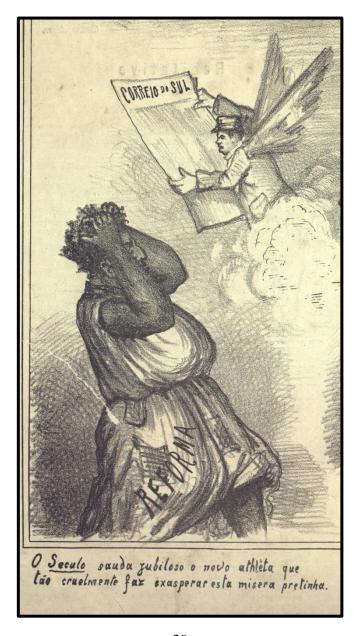
_

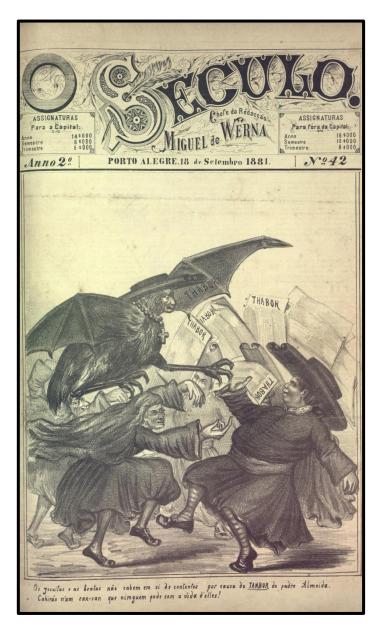
¹² A respeito de *O Século*, ver: FERREIRA, 1962. p. 90-132.; ALVES, Francisco das Neves. *A mulher e o casamento nas páginas do hebdomadário gaúcho O Século*. Lisboa; Rio Grande: Cátedra Infante Dom Henrique; Biblioteca Rio-Grandense, 2019b. p. 7-8.; e ALVES, 2020a. p. 40-41.

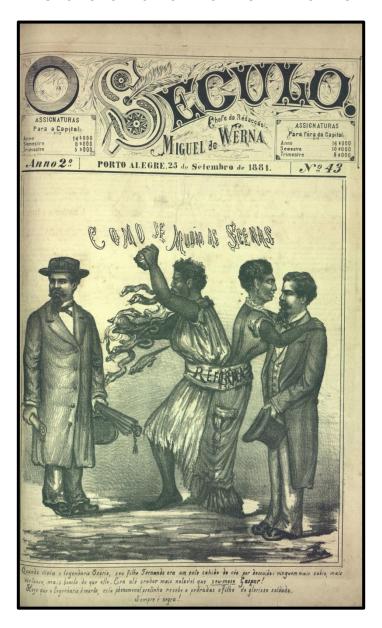
foi ainda simbolizada por uma mulher, com papeis embaixo do braço direito e empunhando a pena com a mão direita, a qual recebia um puxão de orelha por parte de um indivíduo que, apesar de estar de muletas, negava peremptoriamente o que aquela "mentirosa", teria dito, acerca de estar "muito doente" (O SÉCULO, 21 ago. 1881). A "mísera pretinha" como designação de A Reforma retornava às páginas de O Século, o qual saudava o surgimento do Correio do Sul, que teria sido criado para combatera àquela (O SÉCULO, 28 ago. 1881). Outra presença de exemplares de jornais foi apresentada em caricatura de fundo anticlerical, que mostrava a satisfação de padres e freiras, um deles inclusive metamorfoseado em um animal de rapina, com a criação de um periódico voltado aos seus interesses (O SÉCULO, 18 set. 1881). No desenho intitulado "Como se mudam as cenas", o semanário mostrava as dissenções em meio ao partido liberal, ao apresentar o tratamento que a "fenomenal pretinha", ou seja, a publicação A Reforma, dava ao filho de um líder liberal antes e depois do falecimento de seu pai (O SÉCULO, 25 set. 1881). Mantendo a perspectiva, as críticas de O Século direcionaram-se também em relação ao Jornal do Comércio, que estaria tendo muita "prodigalidade" para com as "pretinhas de cesto" (O SÉCULO, 8 jan. 1882). Sobre as impressões de três publicações periódicas acerca de um representante do sistema bancário, utilizando-se para tanto da figura do assento estreito e comprido, O Século discordava, dizendo que os colegas não teriam chances de convencimento dos leitores, uma vez que a "opinião pública", simbolizada por uma figura feminina, desgostosa, não acompanhava a acusação realizada (O SÉCULO, 2 abr. 1882).









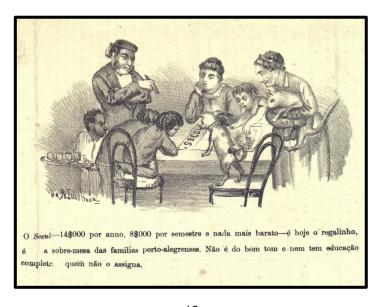






Em autopropaganda, *O Século* mostrava um de seus exemplares sendo apreciado por todos os integrantes de uma família, além dos serviçais e dos animais de estimação, anunciando que, além de "mais

barato", era "o regalinho" e "a sobremesa das famílias porto-alegrenses" (O SÉCULO, 30 abr. 1882). Como conservador e, portanto, opositor aos liberais, o semanário ilustrado trazia mais uma vez a "pretinha Reforma" passando por dificuldades, no caso sendo chutada pelo Presidente da Província, José Leandro de Godói e Vasconcelos, que não teria aceitado suas manifestações, vindo a reagir. Na mesma linha, outro periódico, a Gazeta, teria acompanhado as críticas da Reforma, mas ao perceber as reações do político, encolhera-se como um cão medroso, com "o rabinho entre as pernas" (O SÉCULO, 21 maio 1882). De acordo com o hebdomadário, os brasileiros constituíam um "povo fraco", por vociferarem ao lerem nos jornais notícias que lhes trariam prejuízos, para em seguida, retomarem a rotina e pagarem seus impostos sem reclamar (O SÉCULO, 21 maio 1882).

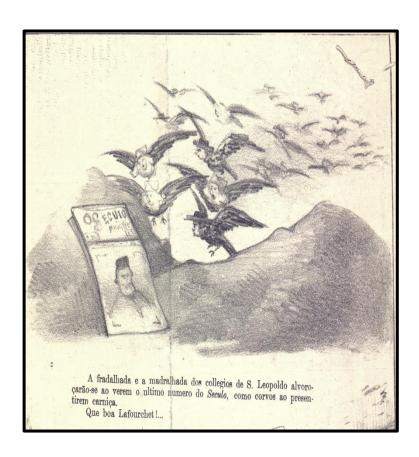






Em outra caricatura, o alvo voltou a ser o Jornal do Comércio, cujo redator teria elaborado uma matéria tão ruim que era comparada a um "podre incenso", que teria levado o Presidente da Província a vomitar, ao proceder à sua leitura (O SÉCULO, 18 jun. 1882). Um exemplar do Século voltava a protagonizar uma ilustração, no caso para identificar o alvoroço que uma de suas edições provocara em meio a padres e freiras, identificados por aves de rapina (O SÉCULO, 23 jul. 1882). Já uma personalidade pública aparecia travestida de freira e, todo pudico e fervoroso religioso, pedia uma intervenção divina que fulminasse o semanário ilustrado porto-alegrense, cujo exemplar estava em sua mão esquerda (O SÉCULO, 30 jul. 1882). Dessa vez sem identificar os contendores, a folha caricata apresentava duas peixeiras a estapearem-se, representando dois periódicos, para indignação de uma dama simbolizava a cidade do Porto Alegre, por ter de presenciar "tão degradantes cenas" (O SÉCULO, 20 ago. 1882).









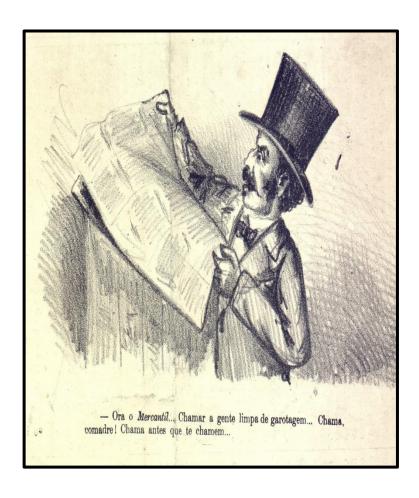
A crítica de costumes era praticada pelo hebdomadário ao trazer duas mulheres que liam o Jornal do Comércio a respeito de um baile, e comentavam que não houvera referência a uma "casadinha que namorou escandalosamente" durante a festa (O SÉCULO, 27 ago. 1882). A folha ilustrada ainda reduziu o redator da Gazeta a um animal de tração, que serviria para puxar a carroça do Presidente da Província (O SÉCULO, 3 set. Realizando propaganda sua política, responsável pelo Século apresentava um casal que, ao ler um jornal, avaliava as possibilidades de voto, concluindo que o melhor candidato seria o próprio autor do desenho (O SÉCULO, 29 out. 1882). As críticas direcionaram-se também ao Mercantil, cujo leitor considerava inaceitável a forma pelo qual o jornal estaria a tratar "a gente limpa" (O SÉCULO, 17 dez. 1882). Retomando as disputas entre jornais comparadas à luta entre duas negras, o semanário mostrava a representação, o bobo da corte, a presenciar enfrentamento entre A Reforma e o Conservador, considerando ironicamente que se tratava de "edificante espetáculo para os estrangeiros" SÉCULO, 12 ago. 1883). Em manifestação anticlerical, o bobo da corte procedia à leitura de um artigo no Jornal do Comércio, de autoria de um padre, discordando do caráter dogmático do texto (O SÉCULO, 22 jun. 1884). O mesmo personagem divertia-se com comparação da Reforma, considerando equivalentes um político liberal e um dos "pais da pátria" norte-americano (O SÉCULO, 24 ago. 1884). Ao ler O Conservador o Zé Povinho, representação da população brasileira, com um sotaque característico, mostrava-se insatisfeito com os caminhos lentos da abolição da escravatura no país (O SÉCULO, 31

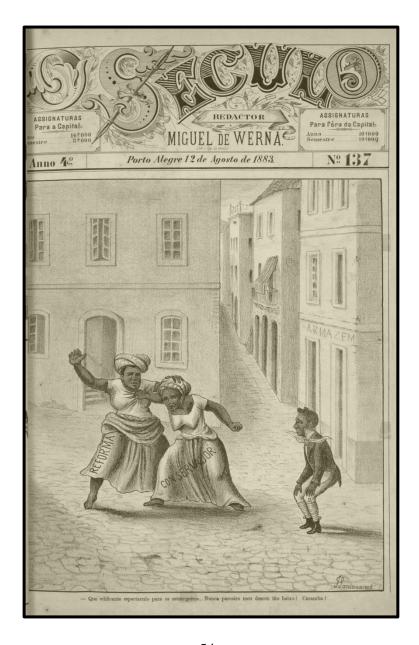
ago. 1884). Em uma de suas últimas edições como folha ilustrada, *O Século* voltou a enfatizar os confrontos entre os jornais, apresentando *A Reforma* como uma dama, o *Jornal do Comércio*, como um estilizado Mercúrio e o *Conservador* como um cavalheiro, cada qual tentando obter a primazia na difusão das notícias, além de buscarem desmentirem-se mutuamente (O SÉCULO, 14 dez. 1884).

















A capital sul-rio-grandense, de acordo com os avanços culturais pelos quais passava, contou com uma imprensa bastante desenvolvida, em meio a qual houve espaço para a publicação de periódicos ilustrados e humorísticos. Eles logo comunicaram aos prelos gaúchos, nublados e ásperos, um colorido mais vivo e um ritmo mais alegre, de modo que, com o correr do tempo, se desenvolveria para os mesmos uma carreira extensa e rumorosa¹³. Dentre os tantos títulos que foram editados em Porto Alegre, *A Sentinela do Sul* foi a

_

¹³ FERREIRA, 1962. p. 13.

precursora e, de acordo com seu comportamento mais comedido, nas representações sobre a imprensa, trouxe caricaturas nas quais o escritório e a redação serviam como cenário para a ação dos seus protagonistas redacionais, o Repórter e o Piá. O Fígaro, por sua vez, em sua vida mais curta, não deixou de realizar críticas quanto ao comportamento de alguns de seus colegas, denunciando os exageros e os momentos em que o periodismo, segundo ele indevidamente, enveredavam para a abordagem da vida privada. Já O Século, com seu viés partidário, debateu ardorosamente periodismo liberal, sem deixar de estender suas censuras a outros jornais, inclusive aqueles vinculados à grei conservadora. Em seu conjunto, os caricatos portoalegrenses tiveram um amplo horizonte desenvolver seu espírito crítico e, nesse aspecto, nem mesmo a imprensa viria a ser poupada.

As práticas jornalísticas sob o prisma do periodismo caricato pelotense

cidade de Pelotas foi uma importantes do Rio Grande do Sul do século XIX. A partir dos lucros oriundos das atividades pecuáriocharqueadoras, a comunidade sulina desenvolveu uma progressiva riqueza, acompanhada pelo aprimoramento urbano e o incremento demográfico. De tal processo adviria também um refinamento cultural expresso nas artes e na imprensa, vindo a circular jornais de diversificados gêneros. Nesse quadro, já um centro de intensa vida social na última trintena dos Oitocentos, Pelotas, tanto quanto Porto Alegre e Rio Grande, não poderia deixar de servir-se do jornalismo caricato, como complemento indispensável a uma imprensa diária de interesses gerais, fortemente atuante como era a sua14. Foram dois os títulos dos periódicos humorísticoilustrados publicados no âmbito pelotense - o Cabrion e A Ventarola.

O mais antigo dos periódicos ilustradohumorísticos da cidade de Pelotas foi o *Cabrion*, que circulou entre 1879 e 1881. No seu cabeçalho, anunciavase como folha ilustrada de assuntos políticos e sociais, mudando o dístico, posteriormente, para folha ilustrada

¹⁴ FERREIRA, Athos Damasceno. *Imprensa caricata do Rio Grande do Sul no século XIX*. Porto Alegre: Globo, 1962. p. 199.

e humorística. O título da publicação espelhava-se no de várias edições do mesmo gênero espalhadas pelo mundo e fazia referência ao ato de importunar, molestar ou perseguir incessantemente, em consonância com suas práticas críticas, ferinas e chistosas. O seu caráter crítico, censório e jocoso ficava demarcado no programa, ao dizer que seguiria uma tradição, vindo a constituir um tipo que ressurgia da história para perseguir no presente a desonestidade, o abuso e a vilania, buscando voltar- se para a execução de um culto para o bem, uma homenagem de justiça para o mérito, voltando todos os esforços em prol da democracia legítima (CABRION, 10 fev. 1879). Nesse sentido, este semanário pelotense ficou caraterizado por sua postura antimonárquica¹⁵.

O Cabrion fez algumas breves incursões quanto às representações e alegorias em torno da imprensa. Uma delas foi na forma de recepção a outra folha caricata, no caso O Maruí, recém-surgido na cidade vizinha do Rio Grande, chegando a recomendá-lo ao público, sem deixar de apontar as suas limitações (CABRION, 8 fev. 1880). As críticas também se direcionaram ao mesmo periódico rio-grandino, de parte de um suposto colaborador, que dizia se negar a escrever em "pasquins

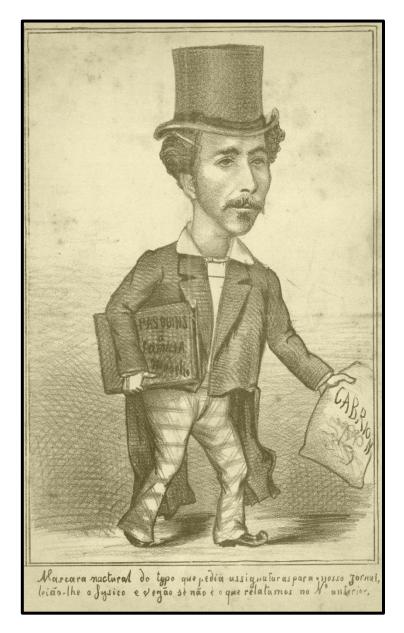
.

¹⁵ A respeito do Cabrion, observar: FERREIRA, 1962. p. 199-208.; ALVES, Francisco das Neves. A mulher e a caricatura no Rio Grande do Sul: três estudos de caso. Lisboa; Rio Grande: Cátedra Infante Dom Henrique; Biblioteca Rio-Grandense, 2019b. p. 35-36; e ALVES, Francisco das Neves. A representação através do feminino na caricatura pelotense oitocentista. Lisboa; Rio Grande: Cátedra Infante Dom Henrique; Biblioteca Rio-Grandense, 2020c. p. 9-10.

ou papeluchos como o *Maruí*". A folha pelotense também denunciou um indivíduo que, falsamente, se apresentava como vendedor de suas assinaturas, mostrando-lhe o retrato, no qual ele segurava um dos exemplares do *Cabrion* (CABRION, 15 fev. 1880).







O líder político Silveira Martins observava atentamente as páginas do periódico liberal *A Reforma*, refletindo sobre a escolha senatorial, sendo lembrada na legenda uma das mais famosas frases a ele atribuídas, acerca da questão do poder (CABRION, 7 mar. 1880). Junto da máquina de impressão, de modo suspeito, um jornalista publicava notificação para que um indivíduo comparecesse ao escritório da empresa (18 abr. 1880). As indefinições das versões de diferentes jornais quanto à saúde do chefe liberal Gaspar Silveira Martins foram também apresentadas pelo semanário pelotense no formato iconográfico (CABRION, 12 maio 1880).

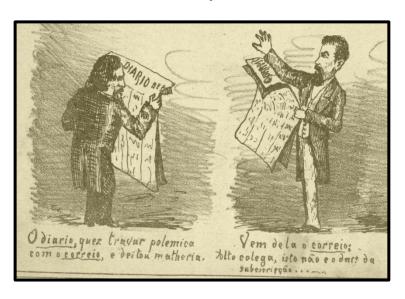






As disputas entre o *Diário* e o *Correio*, cada qual empunhado por seu responsável, também estiveram entre as pautas do periódico ilustrado (CABRION, 30 maio 1880). O *Cabrion* não via com bons olhos os caminhos que percorridos por uma publicação literária, que estaria indo além de sua pauta cultural, para imiscuir-se na política (CABRION, 6 jun. 1880). Um tipógrafo e jornalista ainda em início de suas funções, João José Cezar, teve a morte de sua carreira anunciada pelo hebdomadário pelotense, o qual transformou a imprensa em uma carpideira, que lamentava e depositava uma

"coroa de saudade" no túmulo do escritor público que, na verdade, permanecia vivo e ainda militaria por muito tempo no periodismo (CABRION, 18 jul. 1880). Os exageros de uma folha literária para elogiar um intelectual foram apontados pelo periódico em conjunto de caricaturas (CABRION, 25 jul. 1880).

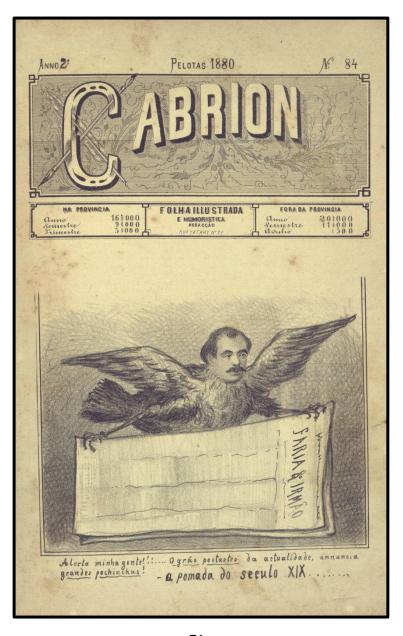


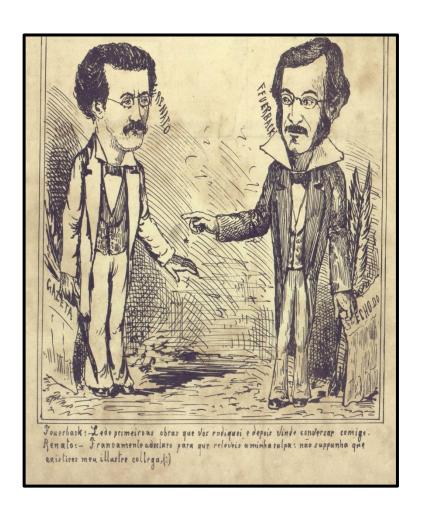


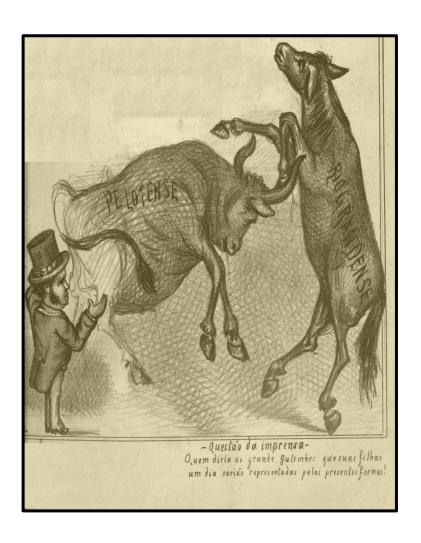


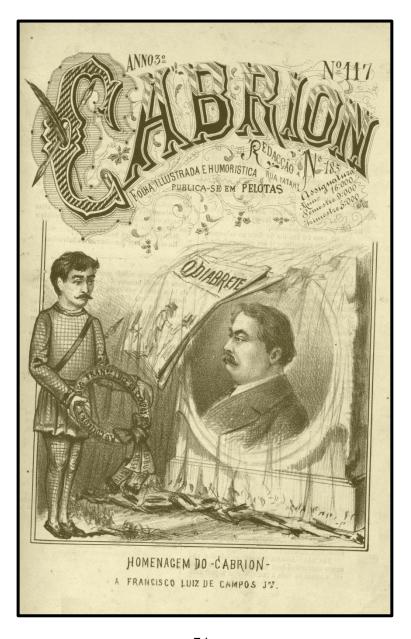


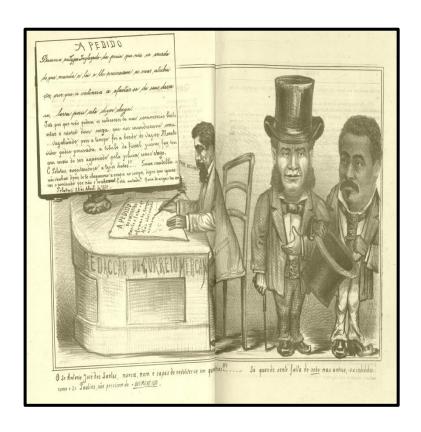
A vida cultural e as afetações intelectuais voltavam à pauta do Cabrion, ao mostrar um "grão poetastro", que anunciava sua criação a ser divulgada pela imprensa (CABRION, 12 set. 1880); e também o diálogo entre dois jornalistas, no seio do qual um deles buscava demonstrar tamanho conhecimento, que o outro, jocosamente, chegava a duvidar da existência do interlocutor (CABRION, 26 out. 1880). Os debates entre o Rio-Grandense Pelotense e 0 eram considerados exagerados e comparados à disputa entre um bovino e um equino, gravura acompanhada pelo questionamento sobre quem poderia dizer que o "grande Gutemberg" um dia veria duas de "suas filhas", representadas daquele jeito (CABRION, 31 out. 1880). A folha pelotense prestou sua homenagem fúnebre ao responsável pela edição de O Diabrete, semanário caricato da cidade vizinha do Rio Grande, o qual desaparecera junto de seu proprietário. A redação do Correio Mercantil era apresentada como o local onde havia sido redigido um "a pedido" extremamente virulento e ameaçador (CABRION, 24 abr. 1881). O processo movido contra um indivíduo e as repercussões na imprensa foram demonstrados pela folha pelotense, colocando em evidência o Correio Mercantil e o Eco do Sul (CABRION, 8 maio 1881 e 15 maio 1881). As disputas da "imprensa local" foram vistas pelo hebdomadário ilustrado como um enfrentamento entre figuras antropomórficas e zoomórficas (CABRION, 15 maio 1881). Ainda em outra caricatura, um homem aparecia travestido de padre, indicando que recebera uma "santificada missão" de fundar uma folha clerical (CABRION, 26 jun. 1881).

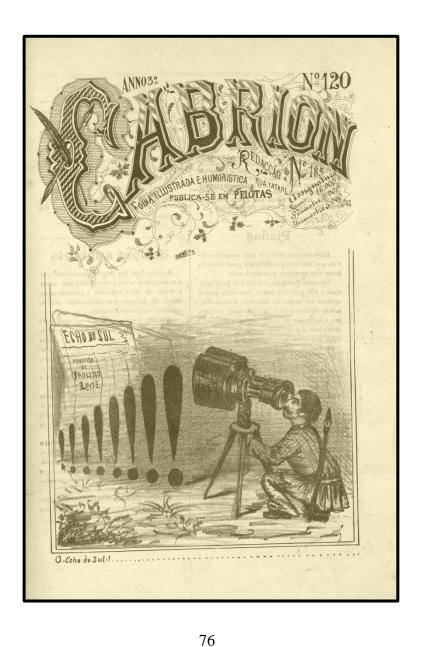


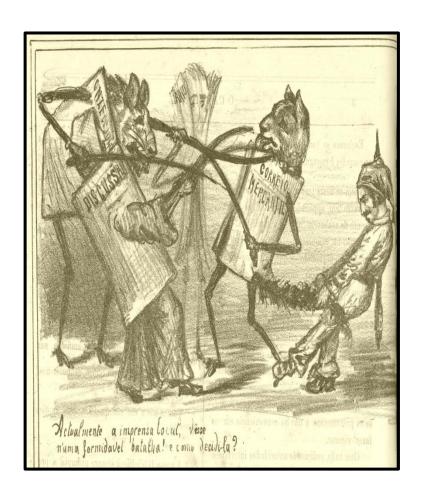


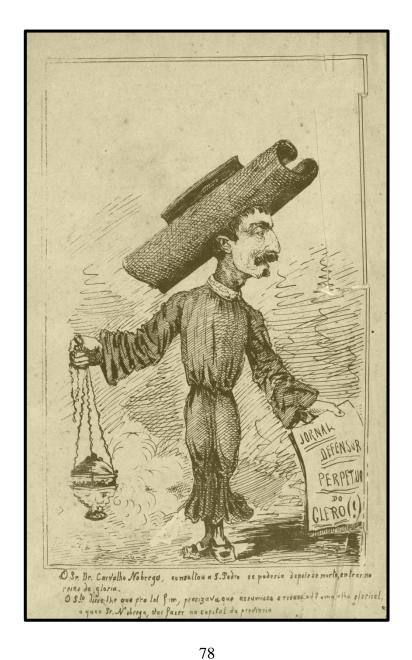












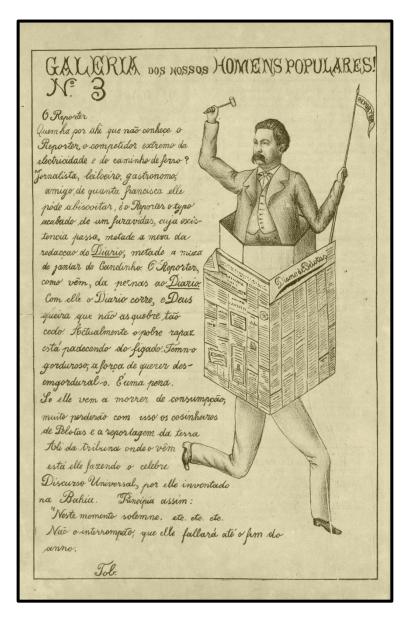
Tendo convivido com a transição que marcou a forma de governo no Brasil, outra folha caricata pelotense foi A Ventarola, que foi editada entre os anos de 1887 e 1890. Em seu frontispício, anunciava-se como folha ilustrada e humorística e mostrava em primeiro plano o próprio objeto da ventarola, além de várias alegorias alusivas ao humor, inclusive o bobo da corte, que além do crayon, também portava o leque sem varetas que dava título ao periódico. Seu programa foi expresso por meio de versos e deixava evidenciada sua tendência crítica, humorada e incisiva, ao dizer que manteria com acúcar seu crayon adocicando e em alfinete a pena convertendo, de modo a seguir o prolóquio "castigat mores ridendo" (A VENTAROLA, 10 abr. 1887). Assim como seu antecessor, tal hebdomadário sustentou a causa republicana¹⁶.

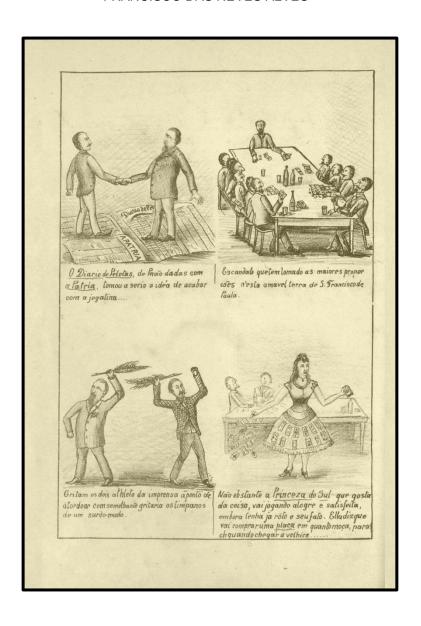
A Ventarola lançou mão por diversas vezes de alegorias e outras representações para demonstrar as atividades jornalísticas. A primeira incursão em tal seara ocorreu em uma seção existente nas primeiras edições da folha pelotense, intitulada "Galeria dos nossos homens populares", a qual, naquele número, apresentava o "Repórter", descrito jocosamente como um jornalista e intelectual múltiplo e cuja representação iconográfica trazia um misto entre homem e jornal, estando o corpo e a cabeça indo em uma direção, enquanto as pernas caminhavam para outra (A VENTAROLA, 1º maio 1887). Uma campanha contra a jogatina movida por dois jornalistas de periódicos pelotenses foi o mote de um conjunto de caricaturas estampado pela folha (A

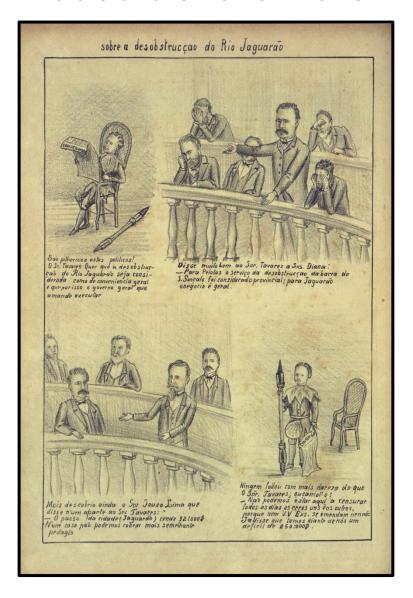
_

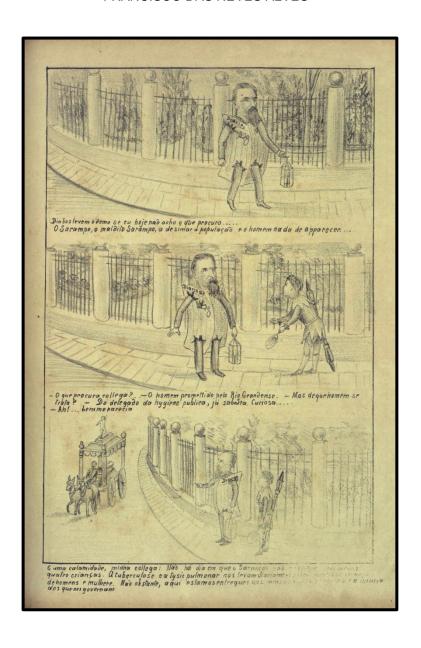
¹⁶ Acerca de *A Ventarola*, ver: FERREIRA, 1962. p. 209-220.; ALVES, 2019b. p. 66-69; e ALVES, 2020c. p. 45-46.

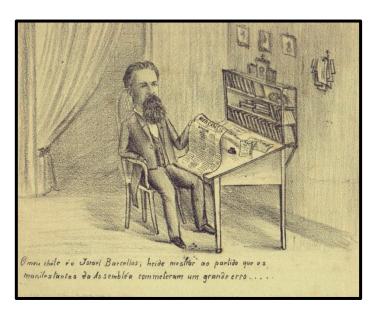
VENTAROLA, 17 jul. 1887). O bobo da corte, representação do próprio semanário, procedia à leitura Conservador, no que tange às parlamentares quanto à realização de uma obra pública, revelando as indecisões quanto ao tema. O personagemsímbolo da folha encontrava também o redator do Diário de Pelotas que, tal qual Diógenes, de lanterna à mão, procurava um homem, mas no caso, aquele que trouxesse alguma solução para os males epidêmicos que ameaçavam a cidade (A VENTAROLA, 11 dez. 1887). O redator do Mercantil deixava evidenciado quem era o seu chefe, de modo a demonstrar as profundas relações entre a imprensa e a política (A VENTAROLA, 1º jan. 1888). A publicação caricata acusava ainda uma falha em meio aos representantes da imprensa citadina, que teriam passado vergonha, ao não levar a sério uma denúncia quanto a uma remessa de moeda falsa no âmbito provincial. Os enfrentamentos entre os ideais abolicionistas escravocratas e entre três jornais pelotenses foi outra pauta desenvolvida hebdomadário (A VENTAROLA, 22 jan. 1888). A Ventarola aplaudia as ideias nacionalistas da publicação republicana carioca O País (A VENTAROLA, 29 jan. 1888). Referia-se também à "parte da conterrânea", no caso, o Rio-Grandense e A Pátria, que estariam a discutir o programa de uma instituição escolar, assunto que vinha a despertar grande interesse do público leitor, o qual "gosta de escândalo" (A VENTAROLA, 18 mar. 1888).

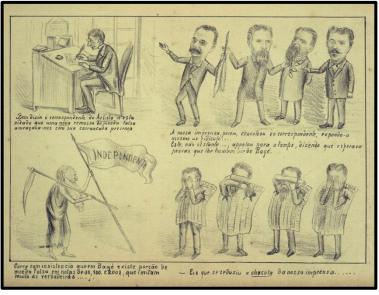






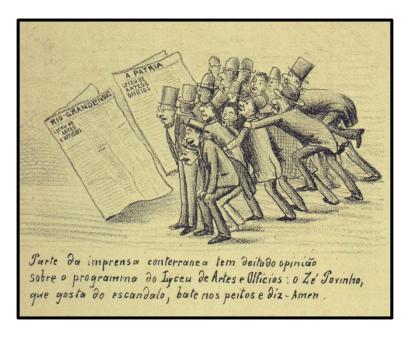




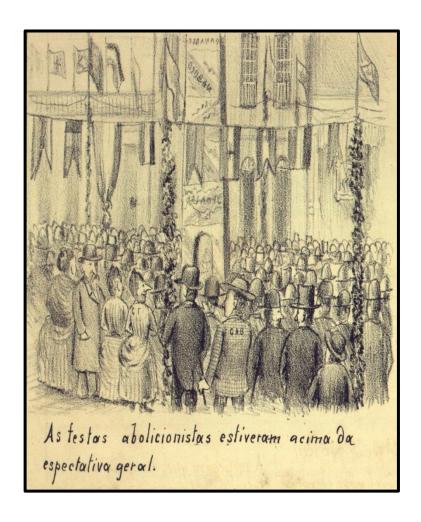


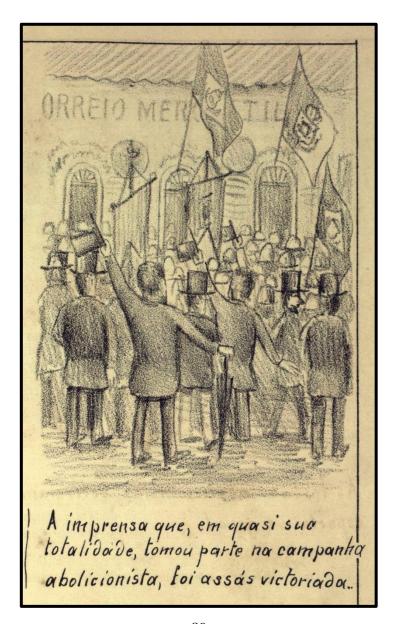


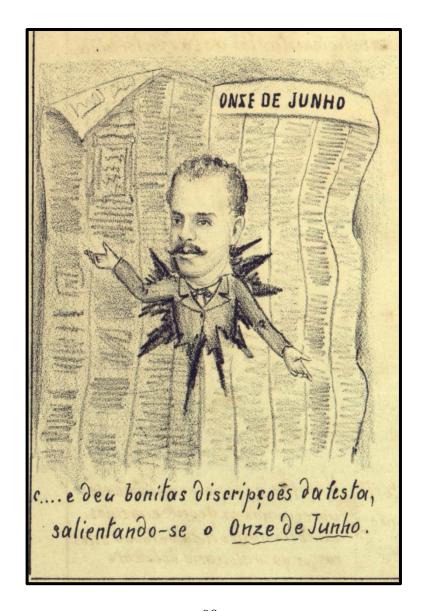




Levando em conta a temática das "festas abolicionistas", *A Ventarola* noticiou que elas "estiveram acima da expectativa geral", com grande mobilização de público, tendo sido a imprensa "assaz vitoriada", revelando o papel do jornalismo em tal campanha. O periódico ressaltava que parte dos jornalistas descreveu o conjunto das festividades, ao passo que outra se preocupou mais com a *high-life*, enquanto o bobo da corte, "desapaixonadamente", voltava-se a tomar notas sobre o ocorrido (A VENTAROLA, 10 jun. 1888). O debate envolvendo a religião oficial do Brasil desenvolvido por uma das publicações pelotenses foi um dos tópicos desenvolvidos pelo semanário (A VENTAROLA, 22 jul. 1888).





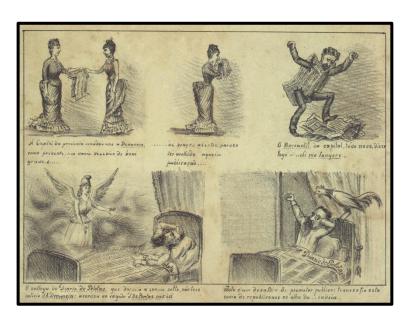






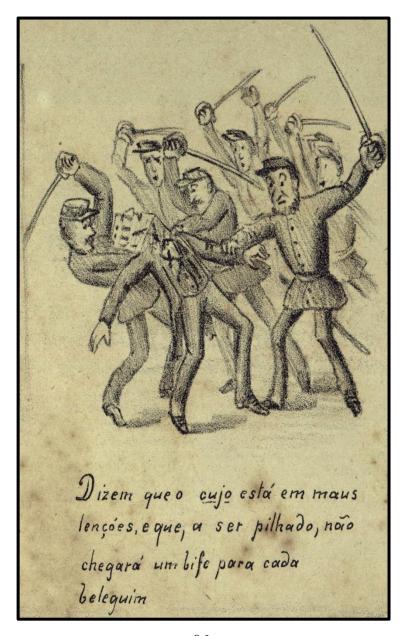


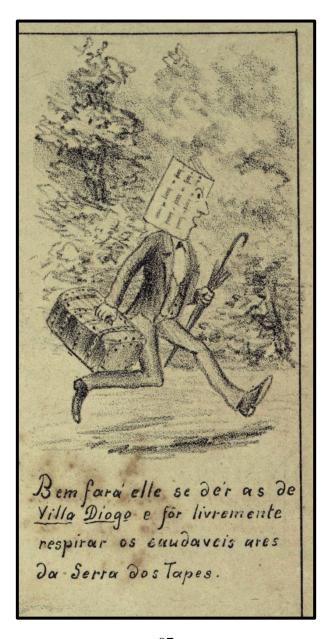
Segundo o hebdomadário pelotense, a chegada de um periódico defensor de princípios antimonárquicos à cidade teria promovido verdadeiro rebuliço, levando um dos jornalistas até mesmo a ter pesadelos com a dama do barrete frígio, que assumia uma feição angelical (A VENTAROLA, 26 ago. 1888). Diante de perseguições sofridas na cidade de parte das autoridades públicas, com denúncia perante a justiça e possível violência policial, um escritor público, identificado pelo jornal em que escrevia, cujo exemplar ocupava o lugar de sua cabeça, temeroso, fugia para outra região (2 set. 1888).











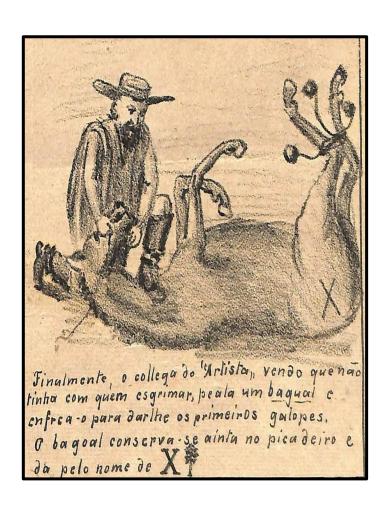
Na ocasião da proximidade de mais um final de ano, o bobo da corte, na mesa de trabalho do caricaturista, via os personagens ganharem vida nas páginas desenhadas, ao passo que o velho que representava a passagem do tempo mostrava a data no calendário. Diante disso, o personagem-símbolo da arte caricatural reclamava que os assuntos para abordagem eram abundantes, mas o que faltava era o tempo (A VENTAROLA, 1º dez. 1888). A capacidade de um propalado intelectual, desenhado como um cavaleiro medieval, pronto a dar uma flechada com sua suposta sabedoria, era colocada em dúvida pelo hebdomadário, ao apresentar o bobo da corte chalaceando-o, ao apontar que o mesmo chegava a incorrer em erros de natureza ortográfica (A VENTAROLA, 6 jan. 1889). Observando o jornalismo da cidade vizinha, a folha caricata mostrava uma disputa entre o Artista e o Diário do Rio Grande, primeiro com o enfrentamento dos redatores por meio das suas penas, para depois, mostrar o primeiro derrotando e, na verdade, domando, o outro, que era metamorfoseado como um cavalo (A VENTAROLA, 3 fev. 1889). No âmbito pelotense também estariam havendo conflitos entre o Onze de Junho e o Diário de Pelotas, que apareciam como dois jornais que ganhavam braços e pernas e se enfrentavam com o uso de navalhas, aparecendo A Ventarola, na forma do bobo da corte, que, na condição de uma folha "assaz sensível e timorata", buscava apaziguá-los (A VENTAROLA, 17 fev. 1889). Uma campanha contra a precariedade do sistema de esgotos citadino foi movida pelo redator da Pátria, contando com a adesão de grande quantidade de pessoas que ouviram o discurso do jornalista e se concentram à frente da redação, demonstrando o papel

de mobilização que a imprensa tinha à época (A VENTAROLA, 14 abr. 1889).



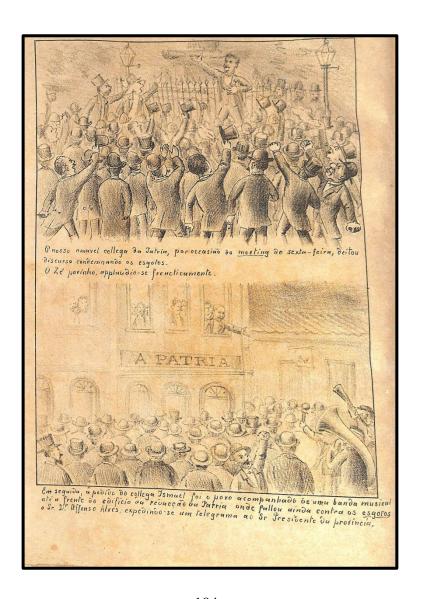








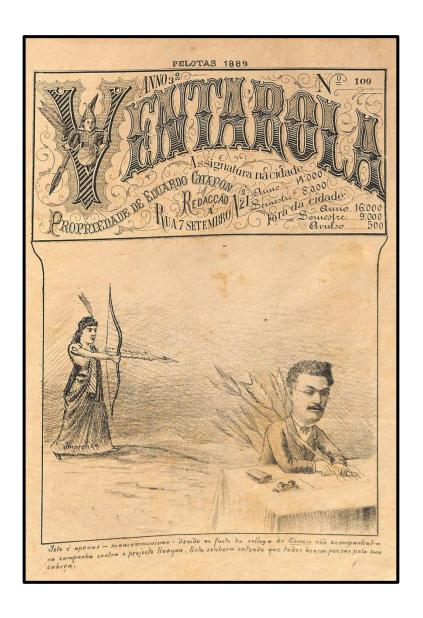




Representando mais uma vez A Ventarola, o bobo corte buscava intermediar novamente as posturas diferenciadas dos jornais pelotenses, quanto à prestação de um outro serviço relacionado ao transporte ferroviário (A VENTAROLA, 21 abr. 1889). Um dos grandes debates entre o jornalismo citadino desenvolveu-se a respeito da já citada questão em torno do sistema de esgotos da urbe, chegando a aparecer uma alegoria feminina da imprensa que alvejava um jornalista por meio de flechadas. O projeto para os esgotos foi ainda mais esmiuçado, com a jocosa participação do bobo em meio aos demais representantes da imprensa, um deles que chegou a ser representando como Marte, a divindade clássica da guerra, e os propugnadores da reforma (A VENTAROLA, 28 abr. 1889). A conclusão do tema se daria por meio de uma conversa do bobo da corte com a representação feminina da imprensa (A VENTAROLA, 5 maio 1889). Segredos e processos judiciais foram motivo de altercações entre os jornalistas pelotenses, como mostrava a folha caricata em sua "semana... policial", tratando como pilhéria aquilo que os demais periódicos pareciam levar a sério (A VENTAROLA, 22 set. 1889). Ainda a respeito dos debates entre as publicações citadinas, A Ventarola, mostrava um indivíduo que fugia das mesmas, de modo a não sofrer qualquer tipo de implicação nas possíveis acusações de parte a parte (A VENTAROLA, 6 out. 1889). Instaurada a nova forma de governo, o semanário ilustrado pelotense, de acordo com sua própria tradição, se colocou ao lado dos novos governantes, e criticou os periódicos considerados como oposicionistas, por exigirem a imediata reconstitucionalização do país. Ela debatia então com o rio-grandino Artista, o pelotense Nacional e a porto-alegrense A Reforma, dizendo-lhes que eles poderiam ficar tranquilos, pois, figurativamente, em seguida o governo lhes ofereceria "o tão apreciado prato constitucional". A folha chamava atenção ainda para uma campanha movida pelo Onze de Junho, que pretendia arrecadar fundos para pagar a dívida interna, mas que não contou com a adesão do povo, considerado como

"indiferente a estas coisas de patriotismo" (A VENTAROLA, 15 dez. 1889).

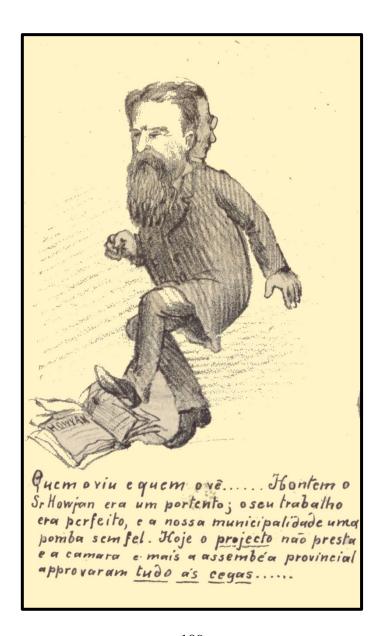




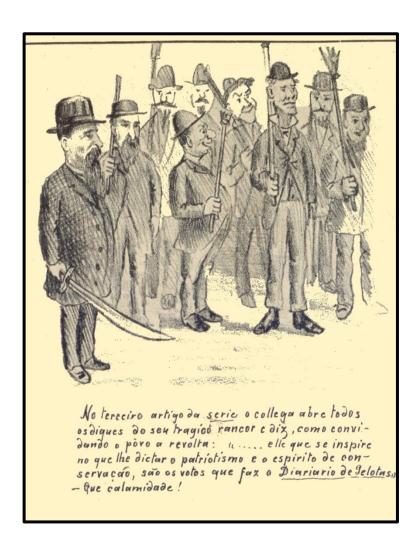
Linda e sempos esgotos



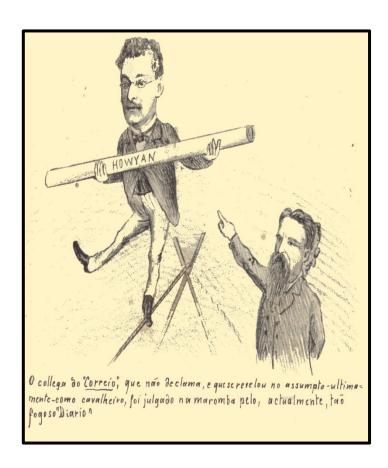
108

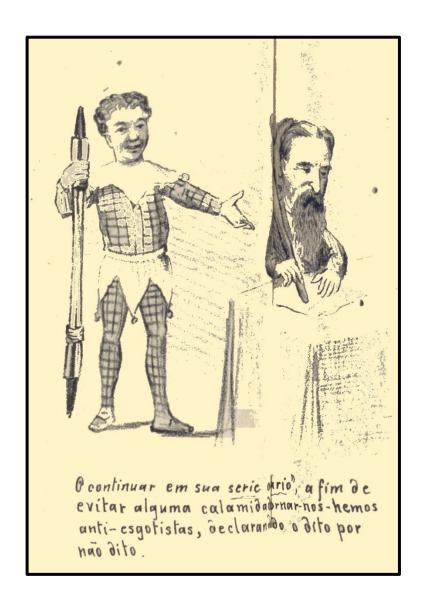


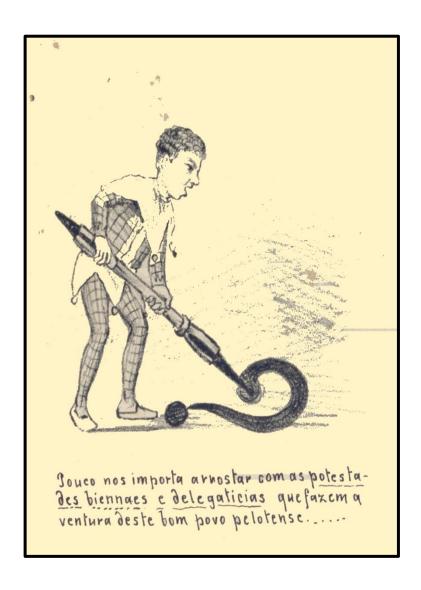


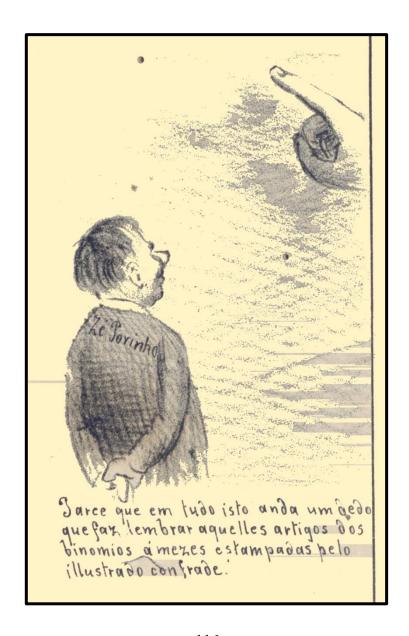




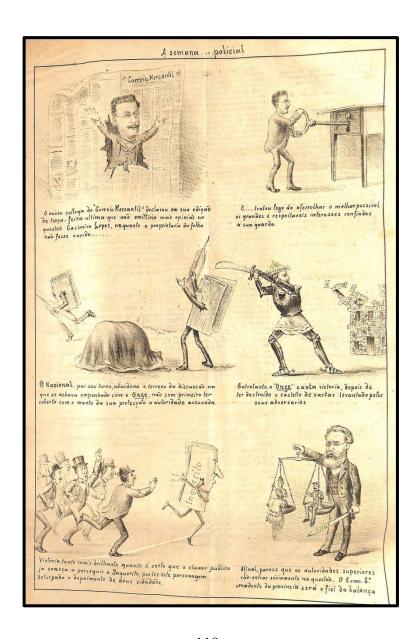


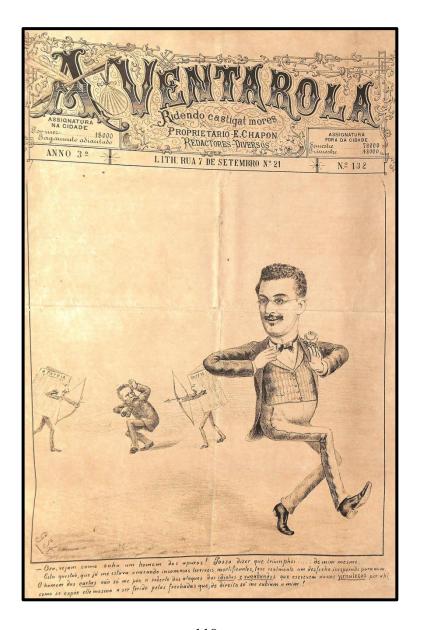


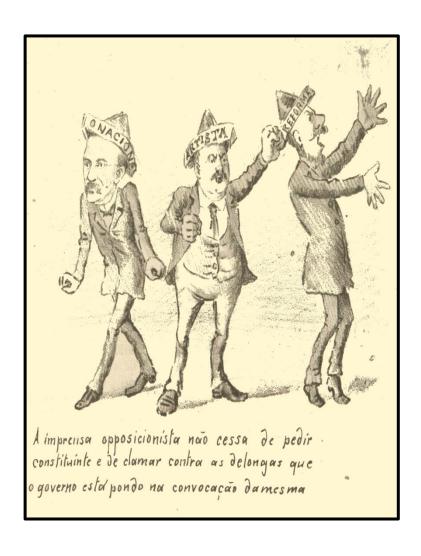


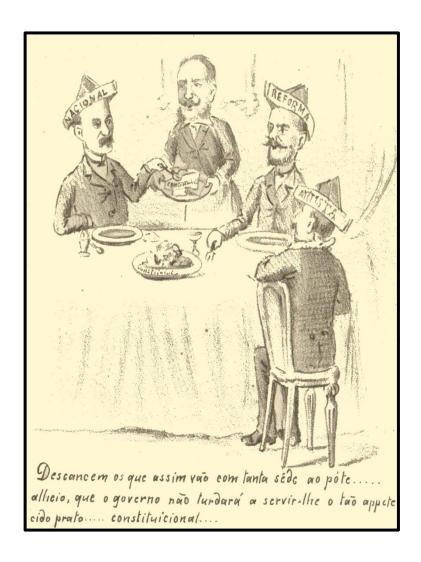


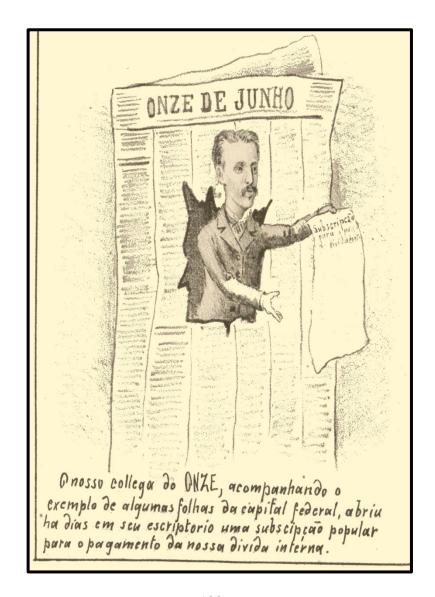


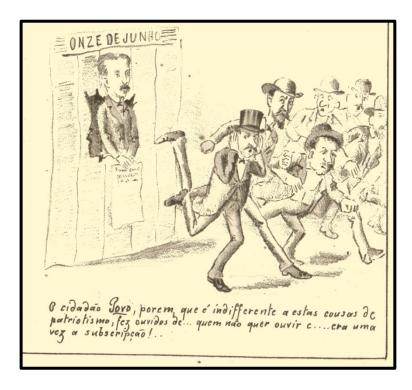












A partir de suas potencialidades econômicas, a cidade de Pelotas obteve também um aprimoramento cultural, que lhe colocou dentre as mais adiantadas na conjuntura sul-rio-grandense, permitindo-lhe ainda a existência de uma diversificada imprensa, inclusive no que tange à existência de publicações ilustradas e humorísticas. Nesse sentido, tal localidade formaria em terceiro lugar, cronologicamente, pois, só ao final da década de 1870 ali surgiria uma folha do gênero, a competir com as demais já em curso no Rio Grande do Sul, mais especificamente nas cidades de Porto Alegre e

do Rio Grande. Mas, nem por isso, a cidade progressista haveria de encolher-se, vexada do atraso, pois o que perdera em tempo, viria a ganhar em qualidade editorial¹⁷. De acordo com a marca registrada de seus congêneres, o *Cabrion* e *A Ventarola* aprimoraram suas manifestações textuais e imagéticas para sustentar uma tendência fortemente crítico-opinativa, ainda mais que ambas eram adeptas do ideário republicano, colocandose como fortes opositoras ao regime vigente. Em meio às críticas promovidas pelos dois semanários, nem mesmo as atividades jornalísticas escaparam, com a utilização de variadas alegorias e representações para expressar o olhar criticante, censório e moralizador para com os seus colegas de periodismo.

¹⁷ FERREIRA, 1962. p. 199.



A Cátedra CIPSH (Conseil International de la Philosophie et des Sciences Humaines/UNESCO) de Estudos Globais da Universidade Aberta e a Biblioteca Rio-Grandense reuniram esforços para editar a *Coleção Rio-Grandense*. Mais meridional unidade político-administrativa brasileira, o Rio Grande do Sul, tem uma formação prenhe em peculiaridades em relação às demais regiões do Brasil, estabelecendo-se uma sociedade original em vários de seus fundamentos. Da época colonial à contemporaneidade, a terra e a gente sul-rio-grandense foram edificadas a partir da indelével posição fronteiriça, resultando em verdadeira amálgama entre os condicionantes luso-brasileiros e platinos. A *Coleção Rio-Grandense* tem por intento fundamental a divulgação da produção intelectual acerca de variadas temáticas versando sobre o Rio Grande do Sul, com preferência para as abordagens de natureza cultural, histórica e literária.





